

**ASPECTOS AFETIVOS DAS FAMÍLIAS DE DEPENDENTES QUÍMICOS: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO.**

Joyce Cristina Garcia dos Santos<sup>1</sup>; Leonardo Rodrigues Vieira de Moraes<sup>2</sup>; Artur Alves de Oliveira Chagas<sup>3</sup>

1. Estudante do Curso de Psicologia; e-mail: [joycecris98@hotmail.com](mailto:joycecris98@hotmail.com);
2. Estudante do Curso de Psicologia; e-mail: [leonardorvmoraes@hotmail.com](mailto:leonardorvmoraes@hotmail.com);
3. Professor da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: [artur.chagas@umc.br](mailto:artur.chagas@umc.br)

**Área do Conhecimento:** Psicologia

**Palavras-chave:** Dependência química; Tonalidades afetivas; Família.

**INTRODUÇÃO**

A Família é um determinante muito importante para o desenvolvimento do ser humano, sendo usada diversas vezes como “espelho” e base para seus componentes contemporâneos e descendentes, sendo assim, os aspectos afetivos dentro do laço familiar estão inteiramente ligados, logo, em uma situação de dependência química, não somente o usuário é afetado, como seus familiares também sofrem os efeitos desta dependência. A partir de tal hipótese, a presente investigação busca identificar quais são os aspectos afetivos nos familiares destes dependentes químicos, a partir da relação de compreensão do ser e as tonalidades afetivas de Martin Heidegger.

**OBJETIVOS**

**GERAL:** Investigar quais os aspectos afetivos das famílias de dependentes químicos.

**ESPECÍFICOS:** Identificar o que a comunidade científica tem produzido, no período de 2009 a 2018, acerca do assunto; Analisar os dados dessas produções científicas à luz do conceito das tonalidades afetivas de Heidegger;

**METODOLOGIA**

Após a definição do problema da pesquisa, fora realizada uma pesquisa detalhada de variadas fontes de pesquisa, delimitando os critérios de inclusão e exclusão, necessários para o levantamento de dados. O projeto foi desenvolvido a partir de revisão bibliográfica, analisando partes de artigos, como forma de resolução do problema levantado, segundo Gil (p.48, 1996) a revisão bibliográfica é “desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos”. Para a análise qualitativa e interpretação dos dados obtidos durante o levantamento, utilizamos da metodologia fenomenológica, que tem grande importância para a pesquisa, pois o mesmo permite que tenhamos diferentes visões para o que foi proposto no trabalho. De um lado, podemos contemplar a intersubjetividade, e simultaneamente, podemos ter formas de compreensão objetiva. Na metodologia fenomenológica, é afirmado que necessariamente, toda compreensão é limitada. É impossível alcançar o significado de forma total, por isso não apresentamos como objetivo a generalização do estudo, mas sim uma análise destes casos em específico (AUGRAS, 2008).

**RESULTADOS/ DISCUSSÃO**

Inicialmente, o número de artigos selecionados foi 91 já aplicando o critério de inclusão: ser escrito no idioma português. Tendo como base o período de 2009 a 2018, o outro critério de inclusão, foram localizados 72 artigos. É importante ressaltar que ao utilizar

duas bases de dados distintas, nos deparamos com 3 artigos que se encontravam nas duas bases de dados, além de constatar-se que outros 8 artigos não estavam mais disponíveis nos sites em que eram hospedados. Por isso, restaram 61 artigos para análise. Para avaliar os demais critérios de inclusão e exclusão, foi realizada a leitura dos resumos e resultados dos artigos, a partir de uma análise de conteúdo, sendo que, dentre os 61 artigos, 31 não foram considerados porque não abordavam sobre o tema, 19 abordaram o tema de forma incompleta e 2 não cumprem as formatações baseadas na ABNT. A partir dessa análise, restaram 09 artigos que cumprem com os critérios de inclusão e exclusão indicados. Apesar de diversos autores (LIMA et.al., 2018; REIS e MOREIRA, 2013; SILVA et.al, 2012) e da própria Política Nacional de Saúde Mental preconizarem que a família é de extrema importância para a reabilitação de dependentes químicos, esta população é pouco envolvida nas pesquisas científicas acerca do tema que ocorrem no país, sendo possível observar tal afirmação pela quantidade total de artigos que conseguimos selecionar. Outro aspecto evidenciado é que não há estudos voltados exclusivamente para o cuidado da afetividade desses familiares. Além dos resultados quantitativos, também realizamos uma análise dos resultados de forma qualitativa, onde identificamos que algumas das tonalidades afetivas fundamentais são apresentadas pelos familiares de dependentes químicos na situação do cuidado com esses entes. Sendo uma das tonalidades a angústia, que segundo Heidegger (1993 apud FEIJOO, 2011, p. 100) “a angústia da fenomenologia existencial representa o estado de ânimo fundamental do ser-aí em fuga de si mesmo, precisamente por ter que formar-se a si mesmo e ao mesmo tempo saber que está jogado e é um projeto finito”. A mesma provém da situação de indeterminação do ser e de sua existência. Tal fato que, a todo instante o ser-aí tenta obscurecer de seu cotidiano. Ao escutar a voz silenciosa que emerge de dentro de si, o ser-aí rompe com os paradigmas mundanos, podendo remeter-se a um poder-ser mais autêntico, colocando-o perante as possibilidades de escolha em escolher-se em singularidade. Com este processo o ser-aí inicia uma indiferença com os paradigmas estabelecidos e um processo de esvaziamento, contemplando assim, a indeterminação e incompletude do ser. Ao chegar nesta máxima, o ser-aí pode se dar com seu espaço de realização, um processo de ‘despertar’, logo, se abre ao caráter de poder-ser. (FEIJOO, 2011). Nos artigos, foram constatados trechos que podem caracterizar a tonalidade afetiva da angústia, anterior ao processo de ‘despertar’ do ser-aí, pois a situação como um todo, é encarada pelos familiares como algo indeterminado, não sabem o que esperar. É possível evidenciar nas falas contidas nas pesquisas, que existe uma quebra de rotina, bem como, o rompimento do que o familiar havia esboçado de como é ser ou ter uma família, isso acarreta afetos ligados à tonalidade afetiva da angústia, também levando em conta seu aspecto de indeterminação. Conforme Feijoo (2011) destaca acerca dessa tonalidade, o ser-aí tenta obscurecer o caráter fundamental de indeterminação do ser e da sua existência, porém, algumas situações deixam essa característica em destaque e no caso dos artigos analisados conseguimos identificar nos trechos em que são relatados as brigas constantes e comportamentos violentos, observados pelos familiares acerca da situação do vício, já que eles não sabem o que esperar como reação do usuário às situações que o acontecem. Assim como a angústia, o tédio também é considerado uma tonalidade afetiva fundamental. Segundo Feijoo (2011) o tédio é uma tonalidade afetiva em nosso horizonte histórico, num momento em que o homem, esquece de seu ser, e assim desvincula-se de si mesmo. Heidegger (2006, apud FEIJOO, 2011) faz referência ao tédio com a palavra “longweile”, que quer dizer “tempo longo”. O autor apontará o tédio como um momento incessante no qual deseja-se não estar, por este motivo, se ocupa este tempo com afazeres. Desta forma, ele refere-se a um posicionamento do ser-aí diante do tempo, modulando peculiarmente as dimensões de passado, presente e futuro. Heidegger irá descrever de três formas a manifestação do tédio. I – Uma situação de longa espera e/ou de falta de ocupações, culmina no tédio, a não ocupação nos deixa entediados, logo, achando o que se fazer durante a espera, acaba-se com o tédio, porém nesta dimensão não se há a origem própria desta tonalidade afetiva. II – O tédio posto como entediar-se, com isto, sabendo dos efeitos do tédio, o ser-aí cria uma espécie de mecanismo que encontra recursos ilimitados de ocupação, a fim de evitar ao máximo encontrar-se com o tédio. III – “tédio profundo”: a

partir da consciência do tédio, considerando-o como algo externo, o ser ocupa-se a uma tentativa de encobrimento deste tédio, na procura de acessá-lo, porém ao mesmo tempo, ouvindo-o, desta maneira, se perde o sentido próprio da vida, o ser vive em função daquele tédio, e com isto, o desprazer da vida. Segundo Lima et.al (2018) na perspectiva existencialista, os usuários demonstram que ser família é ter um vínculo afetivo, apresentando o carinho, companheirismo, amizade, lealdade e união como sentimentos necessários para a constituição do ser família. A intersubjetividade desses indivíduos, costuma mostrar que a relação intrafamiliar deve garantir apoio, direcionamento, tolerância, doação, indissolubilidade, afeto, comprometimento, respeito e compreensão. Estes pressupostos nos laços familiares faz com que haja uma influência na condição de ser livre do familiar, que por sua vez, é cuidado, e exprime este de alguma forma, onde então se encontra o tédio, e o que fazer a partir da efetivação do cuidado e a espera de seus efeitos? A afinação do tédio e suas dimensões estão em como o familiar percebe a situação imposta. A possibilidade do despertar para um sentido próprio do ser, o despertar desse tédio, pode também trazer posições de distanciamento perante o seu familiar dependente. Há um desinteresse do ser-aí que muitas vezes no relato aparece como perda de confiança, após tantas ocupações diversas que sua existência teve que buscar para o contexto criado a partir do uso da droga pelo familiar. Na tonalidade afetiva fundamental do temor, há a tendência de restringir aquilo que temos medo na tentativa de obscurecer o caráter de vulnerabilidade, ameaça e perigo que são próprios da existência do ser-aí. Acabamos acreditando na possibilidade de proteção a esta iminência, a medida em que nós retemos frente ao que ameaça nossa própria existência. O temor nos torna mais sensíveis à totalidade do cotidiano o que acaba por desencadear também uma clareza maior no que se refere às possibilidades de fuga que nos são apresentadas diante de situações temerosas (FEIJOO, 2013). Heidegger (2012) aproxima as tonalidades da angústia e do temor em sua obra “Ser e Tempo”, já que propõe que para nos aproximarmos da situação originária temos que partir de posições fundamentais (angústia e tédio) e que podemos chegar à estrutura da situação de abertura que sempre nos encontramos, através das questões: de que temos medo? O que é ter medo? Pelo que temos medo? O autor aponta que o ser-aí, como ser-no-mundo é temeroso. Além disso, Heidegger na mesma obra apresenta características específicas para o medo e temor, sendo o medo, uma disposição colocada diante de uma possibilidade, que vem ao nosso encontro, porque se anuncia e que na verdade se aproxima exatamente por meio desse anúncio. Já no temor esse anúncio diz respeito a algo ameaçador, uma destruição que traz em si possibilidade de aniquilamento daquilo que se é, da existência. Então, na tonalidade afetiva do temor, ocorre o anúncio da fragilidade e da vulnerabilidade para o que ameaça a existência, isso evidencia que ao temer, estamos na verdade temendo pela integridade física, e a medida em que nos encontramos na situação limite aberta por esta tonalidade, temos duas possibilidades: “retomar a obediência às crenças e rituais que de alguma forma prometem prevenção e controle ou a possibilidade de uma atitude corajosa.” (FEIJOO, 2013, p.9). Chegamos então ao ponto em que esclarecemos o que a tonalidade afetiva fundamental do temor nos possibilita em nossa existência: o temor é a condição de possibilidade da coragem. Na análise dos artigos selecionados, também foi possível a constatação da tonalidade afetiva do temor. Visto que o cuidado está na base existencial de todo e qualquer ser, esta importância do cuidado precisa ser desvelada num olhar da família com o usuário, mas também do cuidado que esta família está recebendo do seu entorno, acerca dessa situação. Ou seja, precisa ser verificado, nos dois lados, o cuidado em sua forma ontológica como aquilo que se opõe ao descuido e ao descaso, mas que também diz de uma atitude, ou seja, de uma ocupação, preocupação, responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro. (BOFF, 2014). A partir deste pensamento, podemos ver que devido ao envolvimento afetivo, a relação de responsabilidade, envolvimento e cuidado do familiar em relação ao dependente químico, esta passa a se tornar parte efetiva da dimensão de sua existência. A capacidade de cuidar do outro, também pode ser vista como uma tentativa de obscurecer o caráter de vulnerabilidade que há em si mesmo. Se não houver essa capacidade, a tonalidade afetiva do temor pode se sobressair, à medida que essa tentativa falha, e eles podem, por conta disso, não admitir quando não possuir essa

capacidade e serem capazes de continuar na mesma situação, na busca de obscurecer a real ameaça e perigo que a existência do outro e a sua está submetida. A posteriori da afetação de sua existência e a apresentação da tonalidade afetiva do temor a partir do cuidado do outro, os familiares que convivem com o usuário de drogas, também tem seus próprios receios e sensações que causam medo, em relação ao contexto proporcionado pelo uso da droga, há casos em que o insucesso dessas atitudes causa traumas nos familiares de dependentes químicos.

## CONCLUSÕES

Os resultados obtidos a partir do levantamento realizado, nos indicam que estudos voltados para o presente tema, deveriam ser mais explorados, à medida em que esses familiares representam um papel importante na recuperação dos dependentes químicos e que também necessitam de cuidados. Como foi apresentado na discussão, muitos deles afinam somente para aspectos negativos das tonalidades apresentadas, como por exemplo, insegurança e incertezas na tonalidade da angústia, desinteresse pelo próprio ser e doenças psicológicas como depressão, apresentadas na tonalidade do tédio e receios, situações de medo e vulnerabilidade da tonalidade do temor. Sem um acompanhamento adequado a estes afetos, eles podem tão somente serem empecilhos no cotidiano que se apresenta para esses familiares, ao invés de impulsionadores da busca da essência do existir do próprio ser-aí. Por isso, entendemos como de extrema importância o acompanhamento também dos familiares envolvidos no cotidiano dos dependentes químicos, visto que são diretamente afetados pelos efeitos da dependência química de seus familiares.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGRAS, Monique. **O ser da compreensão: Fenomenologia da Situação de Psicodiagnóstico**. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar: Ética do humano – compaixão pela terra**. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FEIJOO, Ana Maria Lopes Calvo. **A existência para além do sujeito**. Rio de Janeiro: Viaverita, 2011.

FEIJOO, Ana Maria Lopes Calvo. O homem em crise e a psicoterapia fenomenológico-existencial. **Fenomenologia e Psicologia**. v.1, n.1, 2013. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/fenomenolpsicol/article/view/1345/1062>. Acesso em: 21 de março de 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

HEIDEGGER, Martin. **Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo-finitude-solidão**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

LIMA, Janine Lemos de et. al. Percepção de usuários de drogas na família: um estudo fenomenológico. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v.71, n.5, p. 2220-2227, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0368> . Acesso em: 02 de abril de 2019.

SILVA, Bruna Larissa Cordeiro e et. al. Participação da família no tratamento dos usuários do centro de atenção psicossocial de álcool e outras drogas. **Rev. Bras. Pesq.Saúde**, Vitória, v.14, n.4, p.61-68, Out-Dez.2012. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/RBPS/article/view/5120/3846> . Acesso em: 21 de abril e 2019.